

## Camadas do preconceito ou o quimérico resgate da virilidade: um estudo sobre a política de repressão aos homossexuais no contexto da Revolução Cubana<sup>1</sup>

Layers of prejudice or the chimerical rescue of virility: a study on the policy of repression against homosexuals in the context of the Cuban Revolution

**Ualisson Freitas**

Graduado em História  
Universidade Federal de Uberlândia  
ualissonpereira@hotmail.com

**Recebido em:** 01/02/2021

**Aprovado em:** 07/06/2021

**Resumo:** Por meio de testemunhos em correspondências e em escritas autobiográficas do intelectual Reinaldo Arenas, este artigo analisa a perseguição institucionalizada e as relações de gênero no cenário da Revolução Cubana, nas décadas de 1960 e 1970. Nesse contexto de grande repressão a práticas consideradas adversas às determinações estatais inúmeros sujeitos foram perseguidos pela performance da feminilidade ou por não se adequarem aos padrões revolucionários. A apuração dos relatos voluntários e involuntários de Arenas demonstrou que, além de refletir o apego dos cubanos a valores morais tradicionais referentes a sexualidade, a perseguição se apoiou em uma ideia fantasiosa de masculinidade, avultada pela ideologia do “homem novo”. A análise de seus escritos possibilitou ainda revelar que os discursos e práticas da perseguição se pautavam em uma classificação e hierarquização das identidades dissidentes.

**Palavras-chave:** Reinaldo Arenas; Revolução Cubana, perseguição institucionalizada.

**Abstract:** This article analyzes in correspondence and autobiographical writings by intellectual Reinaldo Arenas the institutionalized persecution and gender relations in the Cuban Revolution in the 1960s and 1970s. In this context of great repression of the practices considered adverse to the State's determinations countless individuals were persecuted for the performance of femininity or for not adapting to revolutionary standards. The investigation of Arenas' voluntary and involuntary accounts demonstrates that in addition to reflecting the Cubans' attachment to traditional moral values of sexuality the persecution was also sustained by a fanciful idea of masculinity, intensified by the “new man” ideology. The analysis of his writings also made it possible to reveal that the persecution speeches and practices were guided by a classification and hierarchy of dissident identities.

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultante das discussões realizadas na monografia intitulada “A traição do sexo: testemunhos da perseguição aos homossexuais em Cuba na obra de Reinaldo Arenas”, apresentada ao Instituto de Ciências Humanas do Pontal (ICHPO) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

**Keywords:** Reinaldo Arenas; Cuban Revolution; institutionalized persecution.

### Introdução

El concepto de homosexual que tienen los cubanos heterosexuales está determinado por la división entre feminidad y masculinidad. No existe para ellos un comportamiento social homosexual, sino solo los comportamientos masculino y femenino. En lo que respecta a la vida sexual sólo se distingue entre la parte activa y la pasiva. El hombre homosexual activo es todavía macho. Al contrario, el hombre pasivo toma el papel femenino tradicional, y pierde su masculinidad. Lo consideran como un degenerado afeminado. Para los cubanos heterosexuales, uno es hombre o mujer, no heterosexual u homosexual. [...] Los cubanos heterosexuales creen que la homosexualidad está limitada al homosexual visible. (MOLLER, 1984, p. 13)

No fragmento de texto selecionado, Haidy G. Moller delinea algumas das questões determinantes para a compreensão da perseguição aos homossexuais no contexto da Revolução Cubana. Ao ponderar sobre a ideia de masculinidade exaltada e uma feminilidade como degeneração, Moller apresenta que a repressão aos homossexuais se fundamentou por uma valorização de elementos vistos socialmente como próprios do homem, como a força, a virilidade e a posição sexual ativa. Essa crítica, veiculada na Revista de Literatura e Arte Mariel<sup>2</sup>, soma-se a centenas de outros testemunhos que denunciam a manutenção de preconceitos institucionais pelos revolucionários e o não cumprimento do princípio de ampla justiça social.

Entre essas testemunhas, o reconhecido autor cubano Reinaldo Arenas representa em seus escritos autobiográficos e epistolares uma intensa perseguição – principalmente nas décadas de 1960 e 1970 – aqueles que abdicavam do padrão de masculinidade. Assim como Haidy G. Moller afirma que para os cubanos “el hombre homosexual activo es todavía macho” (MOLLER, 1984, p. 13), Arenas apresenta que para os “bugarrones” ou para o governo cubano, “transar com outro rapaz não era sinal de homossexualidade” (ARENAS, 1995, p. 75) quando se exercia o papel ativo na relação sexual. Essas enunciações possibilitam pensar em uma tolerância social e estatal aqueles que apesar de romperem os limites da sexualidade estável performavam o viril. Contudo, nos testemunhos de Arenas também é

---

<sup>2</sup> A Mariel - Revista de literatura y arte foi fundada em 1983, em Miami, por escritores cubanos exilados nos Estados Unidos. Como revista literária, o seu projeto político incluía a divulgação da literatura e a arte cubanas, principalmente a produzida por escritores da autodenominada “geração de Mariel”, colocando-se como elo identitário entre esses artistas. Também cumpria a função de reivindicação de um lugar social, lutando contra as estigmatizações desses sujeitos que ao saírem de cuba foram tachados como “criminosos”, “delinquentes” e “antissociais”. Ver mais em: Drummond, 2018.

verificável a anunciação de situações repressivas aos homossexuais lidos socialmente como masculinos, evidenciando a possibilidade de não estarem alheios ao cenário coercitivo. Diante da complexidade das proposições buscamos melhor compreender as implicações das relações de gênero no contexto revolucionário e demonstrar subjacências da repressão institucionalizada em Cuba. Para isso foram analisados na obra *Antes que anoiteça*<sup>3</sup> e nos relatos epistolares de Arenas alguns dos efeitos sociais da ideologia do homem novo, bem como, as variações repressivas decorrentes da diferenciação de gênero, sexualidade e performatividade. Por meio da articulação entre esses documentos testemunhais e alguns documentos oficiais de época, como as Resoluções do I congresso Nacional de Educação e Cultura e o Código Penal da Assembleia Nacional do Poder Popular da República de Cuba, buscou-se explorar a política de repressão aos homossexuais no país.

Partimos também do pressuposto da existência de uma heterossexualidade institucional, que concomitantemente exige e produz a univocidade do “macho” e da “fêmea”, constituindo um limite das possibilidades de gênero no interior do sistema binário oposicional (BUTLER, 2003, p. 45). Como opoente a heterossexualidade institucional, a luta e a resistência do grupo homossexual foram abarcadas por um viés de negação as práticas reguladoras do desejo e do gênero, contrariando a ideia de que um exprima ou reflita o outro.

### **O ideal de homem novo e a institucionalização da perseguição aos homossexuais**

Segundo Marques, o “homem novo” cubano consistia em uma estratégia governamental a partir da qual seria incorporado um novo código ético à maioria dos cidadãos da ilha caribenha. Como vital ferramenta pedagógica para a formação das novas gerações, a concepção de “homem novo” tinha o objetivo de perpetuar a Revolução por meio de um delineamento ideológico que lhe conferiria sentido e legitimidade. Serviria, portanto, para a criação de uma hegemonia política e para edificação de uma nova sociedade (MARQUES, 2009, p. 69).

De forma complementar, Luiz Bernardo Pericás expõe que apesar de adotado pelos líderes cubanos no início da década de 1960, o conceito de “homem novo” foi construído em momento muito anterior à Revolução Cubana, tendo sido ponderado por diversos intelectuais marxistas, entre eles o próprio Marx. Afirma ainda que, ao ser apropriada pelos líderes revolucionários visou o êxito na

---

<sup>3</sup> A obra autobiográfica/testemunhal *Antes que anoiteça* foi publicada inicialmente em 1992. Adaptada para o cinema em 2000 deu origem ao longa-metragem “*Before night falls*”, dirigido por Julian Schnabel e protagonizada por Javier Bardem.

transição do sistema capitalista ao socialista em um método de substituição de estímulos materiais – vistos por Che Guevara como agravantes do egoísmo capitalista – por estímulos morais (MISKULIN, 2006, p. 45-48).

Observa-se assim, que a instituição de incentivos morais, a rivalidade fraternal e o trabalho voluntário foram elementos básicos para a construção de um “homem novo”, que além de colaborar com o desenvolvimento de uma consciência comunista serviria para assegurar os ganhos da Revolução mantendo viva sua chama (MISKULIN, 2006, p. 48). Sob a premissa de que os cubanos deveriam ser moldados para exercer um papel social de perpetuação da Revolução, delimita-se um perfil para esse grupo que constituiria o futuro de Cuba. No entanto, os testemunhos de Arenas demonstram uma maior complexidade na adoção dessa ideologia pelos revolucionários. Seus relatos oferecem sinais da abrangência e dinâmica do ideal de “homem novo”, permitindo refletir acerca de seus efeitos práticos e sociais, e possibilitando investigar suas possíveis ligações com a perseguição aos homossexuais nos períodos de maior endurecimento da política revolucionária, marcados pelo surgimento das Unidades Militares de Ajuda a Produção (UMAPs)<sup>4</sup> e o Quinquênio Gris.<sup>5</sup>

Ao longo da obra *Antes que anoiteça*, são destacadas três formas predominantes de perseguição aos homossexuais: aquelas realizadas pelas diretorias escolares; as ações do aparato policial; e as resoluções dos órgãos culturais. Apesar de consistirem em representações estilizadas, voltadas para uma unificação do contexto em que viveu (SARLO, 2007, p. 50), esses testemunhos oferecem indícios dos tratamentos que tiveram esses indivíduos na Revolução.<sup>6</sup>

No que diz respeito às instituições de ensino, observa-se que Arenas denuncia a expulsão de estudantes de escolas politécnicas por “prática de homossexualismo” no início da década de 1960. Segundo o intelectual, essas escolas – que durante a ditadura de Batista consistiam em acampamentos

---

<sup>4</sup> As Unidades Militares de Ajuda a Produção foram campos de trabalho forçado operados pelo governo cubano entre 1965 e 1968. Foram enviados a esses campos cerca de 35.000 cubanos: gays, lésbicas, prostitutas, testemunhas de Jeová, padres, artistas, intelectuais, estudantes “depurados” das universidades, hippies, presos políticos e todos aqueles que eram consideradas “antissociais” e “antirrevolucionários”. Ver mais em: TAHBAZ, 2013.

<sup>5</sup> O Quinquênio Gris consistiu em um agravamento da luta ideológica em cuba, entre 1971 e 1975, em decorrência das resoluções do Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura. A partir deste, foram formuladas leis que impediam os homossexuais de exercerem funções em cargos públicos e em projetos artísticos, e os demitiam de cargos educacionais. Os intelectuais também foram atacados e condenados ao ostracismo por uma política de direcionamento da arte e da literatura cubana. Ver mais em: MESA, 2011, p. 136.

<sup>6</sup> Segundo Chartier, a representação é o instrumento pelo qual um indivíduo, ou um grupo de indivíduos, constrói significados sobre o mundo social. É um processo de significação intencional, carregado de interesses, que corresponde a uma determinada estratégia de um agente ou grupo. Ver mais em: CHARTIER, 1991, p. 173-191.

militares – tinham sido modificadas pelos revolucionários com a intenção de formar contadores agrícolas. Afirmando a existência de uma intensa repressão, o escritor expõe que:

Os que eram apanhados em pleno ato tinham que desfilar com sua cama e todos os pertences até o almoxarifado, onde, por ordem da direção, deviam devolver tudo. Os outros colegas tinham que sair dos alojamentos para apedrejá-los e enchê-los de socos. [...] Existia ainda um documento que perseguiria aquele jovem durante toda a sua vida impedindo-o de estudar em outra escola do Estado (ARENAS, 1995, p. 72).

Arenas denota, também, que quando os atos de homossexualidade eram coletivos e se tornavam públicos, as ações dos diretores alternavam entre a realização de discursos ameaçadores e a reprodução de películas cujo tema era a conduta moral. De acordo com o intelectual, com medo das punições e das depurações que mais do que a humilhação pública chegava a ataques físicos, muitos dos estudantes ocultaram sua homossexualidade enquanto tantos outros negaram a própria condição. Ao apresentar que nesses ambientes “também se alimentavam e eram educados gratuitamente” (ARENAS, 1995, p. 76), o escritor revela um conflito para os jovens homossexuais cubanos: a escolha entre ser fiel à própria condição ou seguir as práticas revolucionárias. Essas instituições são representadas, portanto, como espaços voltados para a manutenção de uma vanguarda apegada aos ideais de virilidade e masculinidade, bem como a uma moralidade preconceituosa.

É certo que a educação cubana sofreu grandes modificações com a Revolução. Os revolucionários conseguiram de maneira extraordinária declarar Cuba livre do analfabetismo em dezembro de 1961, justamente através de reformas educacionais como a relatada por Reinaldo Arenas. As transformações no ensino pré-escolar, geral, técnico e profissional possibilitaram a superação de uma taxa de analfabetismo que chegava a 23,6% em uma população de 5,5 milhões de habitantes. Todo esse êxito foi possível por meio da adoção do pensamento martiano, cuja premissa era a educação como única via para a liberdade plena, bem como do delineamento da política educacional pautada nos discursos dos dirigentes da revolução (RODRIGUEZ, 2011, p. 45-46). No entanto, como pode ser observado, essa revolução no ensino também foi marcada pela exclusão dos homossexuais. Uma exclusão que foi fomentada através de “discursos verbais, na maioria das vezes não registrados oficialmente” (MISKULIN, 2013, p. 143), mas que também é verificável em comunicados da União de Jovens Comunistas (UJC) na revista Mella, onde solicitaram que estudantes do Ensino Médio expulsassem “elementos contrarrevolucionários e homossexuais” de seus campis para impedir seu

ingresso na universidade (MADERO, 2016).<sup>7</sup> Uma exclusão que posicionou os indivíduos desse grupo em local de luta e resistência quando a eles foram negados os direitos que aos outros foram garantidos.

Outros testemunhos do escritor denunciam não os processos discriminatórios das instituições educacionais, mas as ações discriminatórias do aparato policial revolucionário que passou a recrutar a população, sobretudo os jovens, para realização de trabalhos agrícolas. Arenas evidencia que na segunda metade da década de 1960 o trabalho forçado tornou-se frequente, sendo impossível conseguir um final de semana livre por serem levados a participar constantemente de mutirões agrícolas (ARENAS, 1995, p. 158). Segundo Arenas, os indivíduos recrutados podiam ser inclusive presos caso abandonassem as plantações de cana:

[...] os rapazes de dezesseis ou dezessete anos, tratados como burros de carga, não tinham nenhum futuro pela frente e nenhum passado para trás. Muitos cortavam a própria perna ou o dedo com facão e faziam qualquer barbaridade para serem dispensados dos serviços, onde [...] a cada quinze dias tinham direito a três ou quatro horas livres para descansar e lavar o uniforme (ARENAS, 1995, p. 161).

Os estudos demonstram que os Serviços Militares Obrigatórios (SMOs) foram instituídos em 1963 para homens de 16 a 45 anos e eram encarados pelos revolucionários como processo essencial na formação do revolucionário ideal (MISKULIN, 2006, p. 48). Tinham de acordo com a ideologia do “homem novo” um valor pedagógico. As UMAPs, contudo, constituíram a partir de 1965 uma outra configuração de trabalho forçado e não remunerado, marcado pela repressão de elementos que foram considerados insuficientemente revolucionários (TAHBAZ, 2013), entre eles a homossexualidade.<sup>8</sup>

Dentre os exemplos de violência direcionada a esses dissidentes, Arenas apresenta o caso do diretor teatral Roberto Blanco que após passar por um julgamento público humilhante no próprio teatro, teve a cabeça raspada e foi obrigado a se arrepender de sua homossexualidade publicamente. Explicita ainda que após serem algemados pelas forças policiais, os homossexuais eram levados aos campos de cana como forma de se purificar de suas fraquezas. Para o intelectual, esses sujeitos eram

---

<sup>7</sup> Miskulin evidencia que as políticas que coíbiam a homossexualidade em Cuba firmavam-se por meio de componentes anteriores a Revolução – como uma moral religiosa ocidental, puritanismo e machismo – mas também foram reforçadas por teorias stalinistas elaboradas na União Soviética, que viam nos homossexuais “a decadência da sociedade burguesa”. Ver mais em MISKULIN, 2013, p. 143.

<sup>8</sup> De acordo com Tahbaz, as duas principais rondas responsáveis pelas internações nas UMAPs ocorreram em novembro de 1965 e em junho de 1966. Os Comitês de Defesa da Revolução (CDR), que se tratava de uma organização governamental nacional, informavam aos militares quais indivíduos deviam ser direcionados aos campos de trabalho forçado. Ver mais em: TAHBAZ, 2013.

transportados não como heróis revolucionários em potencial, mas como fracassados em suas funções sociais (ARENAS, 1995, p. 172).

Tais relatos dão substância a uma dimensão sentimental dos que experienciaram a violência do Estado de diversas formas, como, por exemplo, sendo levados as UMAPs por meio de avisos falsos para comparecerem ao SMO ou recolhidos nas ruas sob a acusação de serem ou parecerem homossexuais (TAHBAZ, 2013). Se para aqueles que compuseram o SMO o trabalho consistia em formação e dever social, sendo entendidos como “trabajadores para la sociedad, servidores de la sociedad; no explotadores, sino trabajadores” (CASTRO, 1963), para os homossexuais e outros dissidentes que foram levados para as UMAPs o trabalho tinha significações diferentes. Para estes prisioneiros ideológicos o serviço era mais corretivo do que pedagógico. Verifica-se assim que a princípio o trabalho é concebido como um instrumento da pedagogia revolucionária aos diversos cidadãos cubanos, mas entre 1965 e 1968 – com a criação das UMAPs – ele passa a ser uma consequência de um ideal punitivo. A participação programada dos cubanos em atividades produtivas, foi intercalada nesse período com um trabalho que consistia em uma espécie de condenação àqueles que, de acordo com os revolucionários, necessitavam de uma urgente educação moral.

Além dessas ações realizadas pelas diretorias escolares e pelo aparato policial, Arenas apresenta ainda as iniciativas e resoluções repressivas de órgãos culturais. E é através delas que observamos que a perseguição aos homossexuais, adotada pela Revolução, também foi intensificada durante determinados períodos. Dentre esses órgãos pode-se citar a União de Escritores e Artistas de Cuba (UNEAC). Segundo o escritor, a instituição que havia premiado suas novelas entre 1964 e 1966, passa em 1969 a organizar leituras com escritores oficiais, de forma a sondar o panorama cultural da época. Subordinada ao Estado revolucionário cubano e nos moldes de “dentro da Revolução, tudo; contra a revolução, nada”, a UNEAC tinha a função de garantir que os escritos de exaltação à Revolução fossem publicados, enquanto os escritos críticos ou considerados imorais seriam censurados (MISKULIN, 2013, p. 142).

No entanto, o caso mais representativo dessas ações repressivas ocorre não em 1969, mas no ano de 1971, quando no I Congresso Nacional de Educação e Cultura<sup>9</sup> uma perseguição violenta foi

---

<sup>9</sup> O Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura foi realizado em Havana-Cuba nos dias 23 a 30 de abril de 1971. Suas resoluções eram explícitas com relação ao homossexual. Afirmavam que não poderia deixar que os homossexuais

dirigida aos homossexuais: “A respeito dos desvios homossexuais definiu-se seu caráter de patologia social. Estabeleceu-se o princípio de rechaçar e não admitir, de forma alguma, essas manifestações, nem sua propagação [...]” (CUBA, 1980, p. 28). Depois de as práticas consideradas contrárias à Revolução terem sido representadas como aberrações extravagantes, determinou-se que era necessário o “confronto direto para sua eliminação” (CUBA, 1980, p. 22). Ao apresentar que a partir desse congresso inicia-se a “parametrage”, processo no qual os escritores, artistas e dramaturgos homossexuais recebiam um telegrama informando que não reuniam os parâmetros políticos e morais para o bom desempenho do cargo que ocupava (ARENAS, 2010, p. 171), Arenas demonstra como ocorreu a efetivação do que no congresso chamou-se apenas de “medidas que permitam o encaminhamento para outros organismos daqueles que, sendo homossexuais, não devam ter participação na formação da juventude [...]” (CUBA, 1980, p. 29). Se antes já havia em diversos segmentos da sociedade cubana a exclusão dos homossexuais, a partir de 1971 essa perseguição passa a ser institucionalizada através de uma regulamentação jurídica formal.

Essas três formas de perseguição, evocadas por Arenas no decorrer de sua autobiografia, evidenciam uma política repressiva adotada pela Revolução e intensificada através de sua institucionalização. Entende-se que essas ações são resultado do apego dos agentes sociais a uma tradição preconceituosa, advinda de uma herança católica que considera a homossexualidade um desvio moral e do culto à masculinidade que relaciona o feminino ao ordinário. No entanto, o que os relatos mostram, para além da tradição discriminatória, é que o aumento desenfreado da perseguição aos homossexuais só foi possível a partir da apropriação das bases da ideologia do “homem novo” pelos revolucionários.

Nas instituições escolares, por exemplo, observa-se que as “depurações” aos homossexuais se efetivaram, sobretudo, pelo fato de as práticas desses indivíduos serem consideradas incompatíveis com o novo padrão de homem estabelecido. Um padrão de virilidade e masculinidade que já era vigente antes da Revolução, mas que no contexto revolucionário foi exacerbado e considerado o modelo inexorável (DRUMMOND, 2018, p. 106).<sup>10</sup> Arenas relata, por exemplo, que durante a formação para

---

interferissem na formação da juventude e sugeriam que fossem retirados dos diversos organismos da frente cultural. Ver em: MISKULIN, 2013, p. 143.

<sup>10</sup> De acordo com Drummond “aos olhos do regime revolucionário, a homossexualidade representava uma cultura sexual que se expressava em indivíduos hedonistas e indulgentes, associados à burguesia e ao capitalismo, que não poderia contribuir apropriadamente para a Revolução, visto que não representava o ‘homem novo’ altruísta, diligente e viril. Além



contador agrícola, o estudante era levado a “subir seis vezes até o Pico Turquino, e quem não conseguisse subir [...] era considerado um frouxo que não podia formar-se” (ARENAS, 1995, p. 73). Há nesse sentido uma denúncia à exaltação das características consideradas como próprias do homem e conseqüentemente uma negação das características consideradas femininas.<sup>11</sup> A violência – acusação de incapacidade de formação pela falta do atributo da força –, nessa situação, direciona-se a uma questão de gênero e independe da sexualidade. Dessa forma, é possível pensar que o padrão de masculinidade instituído afligiu até mesmo homens heteros que tinham as práticas lidas socialmente como femininas. No entanto aos homossexuais essa violência se acentua porque além de apresentarem práticas e representações que “não se conformam às normas de gênero [...] pelas quais as pessoas são definidas” (BUTLER, 2003, p. 38) também são prontamente excluídos por uma determinada “coerência dos gêneros, que exige uma heterossexualidade estável e oposicional” (BUTLER, 2003, p. 38-39).<sup>12</sup> Desse modo, a partir da instituição do padrão de “homem novo”, os homossexuais foram considerados “incoerentes” e “descontínuos” não só para as relações sociais cotidianas, mas também para a Revolução:

Muchos de esos pepillos vagos, hijos de burgueses, andan por ahí con unos pantaloncitos demasiado estrechos (RISAS); algunos de ellos con una guitarrita en actitudes “elvispreslianas”, y que han llevado su libertinaje a extremos de querer ir a algunos sitios de concurrencia pública a organizar sus shows feminoideos por la libre (CASTRO, 1963).

Observa-se no trecho acima que ocorre uma associação da figura do contrarrevolucionário – prevista na ideologia do homem novo – à figura do afeminado, tradicionalmente excluída. Ao se considerar o caráter socialista da Revolução, bem como seu ideal anti-imperialista, nota-se que a ideia do outro (burguês) é criada e reforçada pelo governo constantemente, sendo papel do revolucionário evitá-lo, criticá-lo e denunciá-lo. Concomitantemente, a homossexualidade é associada a este outro, transformando-a também em inimiga da Revolução. Essa associação é feita por aproximarem os vícios

---

disso, a ‘moralidade revolucionária’ se apoiava em expressões da sexualidade e de gênero heteronormativas, como a masculinidade masculina”. Ver mais em: DRUMMOND, 2018, p. 106.

<sup>11</sup> É importante ressaltar que essa delimitação que diferencia o que é próprio do homem e próprio da mulher “é produzida [...] pelas práticas reguladoras que geram identidades coerentes por via de uma matriz de normas de gênero coerentes”. Não se considera, portanto, que características como a falta de força física, a fragilidade e a intolerância à dor, sejam próprias de uma “verdade” do sexo feminino. Pelo contrário, entende-se que essas características são produzidas por discursos que naturalizam o binário e ao mesmo tempo legitimam o patriarcado. Ver mais em: BUTLER, 2003, p. 37.

<sup>12</sup> De acordo com Judith Butler “a heterossexualização do desejo institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre ‘feminino’ e ‘masculino’, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de ‘macho’ e de ‘fêmea’. Ver mais em: BUTLER, 2003, p. 38-39.

e a prostituição – vistos como herança do passado capitalista a ser abominado – aos homossexuais. Assim, a delimitação dos papéis morais somada a exclusão dos homossexuais pela tradição discriminatória causaram, em larga escala, a expulsão desses indivíduos das instituições escolares.

Essa mesma definição dos papéis a serem cumpridos pela população cubana, é o que também ocasiona a demissão dos homossexuais de seus cargos culturais, artísticos e educacionais após o I Congresso Nacional de Educação e Cultura. Os parâmetros políticos e morais instituídos no congresso estavam claramente arraigados a um profundo preconceito às sexualidades desviantes. Ministros, governantes, orientadores, professores e alunos apresentados como representantes da nação revolucionária, resolvem:

Os meios culturais não podem servir de ambiente à proliferação de falsos intelectuais que pretendem converter o esnobismo, a extravagância, o homossexualismo e outras aberrações sociais em expressões da arte revolucionária, distantes das massas e do espírito de nossa revolução (CUBA, 1980, p. 33).

O congresso que buscava otimizar o ensino através de uma “progressiva transformação e criação de um homem novo” (CUBA, 1980, p. 13) estabeleceu na seção Moda, costumes e extravagâncias “a necessidade de manter a unidade ideológica do povo cubano e de combater a qualquer forma de desvio [...]” (CUBA, 1980, p. 21). Instituiu-se assim, penas severas àqueles que chamaram de corruptores de menores, depravados reincidentes e elementos antissociais incorrigíveis (CUBA, 1980, p. 29).

A aproximação entre a ideologia do “homem novo” e a repressão do aparato policial, por sua vez, ocorre não só a partir da concepção de homem revolucionário ideal, mas também se alicerça na ideia do trabalho edificante. Os relatos mostram que aqueles que representavam qualquer perigo à hegemonia da Revolução foram presos sob circunstâncias de intolerância e levados às UMAPs para os setores agrícolas. Ao expor que “a humilhação pública foi um dos métodos mais utilizados pela Revolução” (ARENAS, 1995, p. 172), os testemunhos de Arenas revelam como o aparato policial muitas vezes lidava com os homossexuais, prendendo-os em campos de trabalho forçado, não por seus deveres revolucionários, mas pela negação de suas identidades e práticas. Logo, “[...] se para setores da juventude rebelde esse momento significou o cerceamento das liberdades civis, para os homossexuais consistiu também em um cerceamento da liberdade sexual” (MISKULIN, 2013, p. 142).

Nesse sentido, as articulações entre as declarações de Arenas e os documentos oficiais da época expressam que os homossexuais não se encaixavam na categoria de homem cubano ideal. Seus

testemunhos possibilitam entender que as ideias de delimitação de um papel moral e de trabalho voluntário – próprias da ideologia do “homem novo” –, quando aliadas à tradição de intolerância, passaram a ser utilizadas como justificativa e meio para a perseguição aos homossexuais. Inaugurou-se assim, nesse contexto, uma configuração de repressão institucionalizada e foi evidenciado um momento de ruptura no processo revolucionário, por meio da adoção e intensificação do preconceito.<sup>13</sup> De modo a expor a incoerência dessa repressão com os desígnios da Revolução, Arenas tenta “no plano literário, [...] encontrar a frase justa e a imagem adequada, sobre o poder de expressão da palavra, para traduzir o vivido e dizer o indizível” (MARCO, 2004, p. 57).

### **O vivido e o indizível: a dissidência e a resistência homossexual**

Segundo Valeria de Marco, a literatura de testemunho impõe à cadeia língua, nação e tradição literária uma fratura irreversível. Por ser ela proveniente da zona de exclusão criada pela violência de Estado racionalmente administrada, expõe a radical ausência de qualquer abrigo (MARCO, 2004, p. 63). Diante disso, nota-se que a própria autobiografia de Arenas consiste em uma forma de resistência, um modo de o escritor se colocar no mundo após as investidas repressivas do Estado cubano.

Seligmann-Silva evidencia que na relação entre testemunha e opressor, geralmente ocorre uma negação do feito pelo opressor, que tenta impedir as narrativas, apagando as marcas do crime. As vítimas, por sua vez, vivem um sentimento paradoxal de culpa da sobrevivência, provocando nestas o sentimento de irrealidade do vivido. Segundo o autor:

Para o sobrevivente, sempre restará este estranhamento do mundo, que lhe vem do fato de ele ter morado como que “do outro lado” do campo simbólico. O testemunho funciona para ele como uma ponte para fora da sobrevivida e de entrada (volta) na vida. Neste testemunho, misturam-se fragmentos, como que estilhaços (metonímias) do seu passado traumático, a uma narrativa instável e normalmente imprecisa, mas que permite criar o referido “volume” e, portanto, um novo local fértil para a vida (SELIGMAN-SILVA, 2010, p. 11).

Nesse sentido, entende-se que a obra de Arenas busca reconstruir o passado da Revolução Cubana de acordo com a própria experiência, de modo a deslegitimar a memória oficial. Ao usar a literatura como forma de reconstrução da harmonia perdida e reestabelecimento de parâmetros da estruturação social, o intelectual faz de seus próprios escritos um enunciado de resistência. Se enquanto produção discursiva esbarra nos limites de uma memória induzida a compor uma significação

---

<sup>13</sup> A respeito das construções de Arenas sobre o papel moral em Cuba, ver mais em: FREITAS, 2020, p. 23-32.

incompleta da realidade (SARLO, 2007, p. 35), enquanto “testis” o “témoin” visual de Arenas implica justamente em uma proximidade e capacidade de transitar entre os tempos da cena histórica (SELIGMAN-SILVA, 2010, p. 5). Nesse processo de escrita, Arenas rememora e reúne em sua autobiografia as atitudes transgressoras realizadas por ele e por outros representantes do grupo homossexual. Lembra e testemunha casos e situações de embate contra os revolucionários ao passo que confere aos dissidentes um lugar de destaque, apresentando suas estratégias de sobrevivência e suas oposições às investidas repressivas.

Uma das estratégias verificadas na obra de Arenas é a aliança matrimonial entre homossexuais e mulheres. Expondo que moradias só eram concedidas pelo Estado a necessitados se estes fossem casados, o intelectual relata que combina uma cerimônia com uma mulher chamada Ingrávida Félix. Segundo o escritor, ela era em uma atriz de grande talento, divorciada, que havia sido “parametrada” e despedida de seu trabalho por ter relações com vários homens. O acordo entre os dois beneficiaria a ambos, uma vez que Arenas conseguiria a casa e cederia auxílio financeiro para alimentar os dois filhos da mulher. No entanto, ainda assim, não receberam o quarto, o que levou Arenas a supor que os revolucionários julgavam inferiores a mulher e o homossexual (ARENAS, 1995, p. 185).

Todavia, é importante lembrar que, apesar do extremo preconceito e da representação – da mulher como inferior – verificados no testemunho de Arenas, o período revolucionário consiste em um grande marco na luta pelos direitos das mulheres cubanas. Com o novo projeto social instalado em Cuba após o triunfo revolucionário surge também a Federação de Mulheres Cubanas (FMC) em 23 de agosto de 1960. Com essa organização, dirigida por Vilma Espín, pretendia-se promover a participação feminina nos diversos âmbitos econômicos, políticos, sociais e culturais da ilha caribenha (SERRANO LORENZO, 2018, p. 59-60). A partir desse momento, muitas das mulheres que eram analfabetas e completamente dependentes de seus maridos, passaram a investir em uma formação e a trabalhar em setores da educação, da saúde e em postos financeiros (MARIEL, 1984, p. 13).

Inclusive, na sessão da Asamblea Nacional del Poder Popular de la República de Cuba, realizada de 28 a 30 de dezembro de 1978, é possível notar que as mulheres tiveram direitos resguardados, sobretudo a partir do Artigo 349. No Título IX ou “Delitos contra los derechos individuales”, estabeleceu-se a punição com privação de liberdade por seis meses a três anos àqueles que cometessem discriminação por sexo. Os outros artigos referentes à proteção da mulher faziam

alusão à violência sexual e à gestação. Os homossexuais, por sua vez, foram mencionados no Título XI ou “Delitos contra el normal desarrollo de las relaciones sexuales y contra la familia, la infancia y la juventud”. Neste campo estabeleceu-se no Artigo 359 punições de três a nove meses de prisão a quem: fizesse ostentação pública de seu status homossexual; realizasse atos homossexuais em local público ou privado (involuntariamente visto por terceiros); ofendesse os bons costumes com exibições insolentes ou qualquer outro ato de escândalo público; produzisse ou veiculasse publicações, gravuras, gravações, fotografias ou outros objetos obscenos, tendendo a perverter e degradar costumes. Havia ainda na seção “Corrupción de menores” a pena de oito anos destinada àqueles que “induzissem menores a exercer a homossexualidade”.

Diante disso, nota-se que a afirmação de Arenas – de que a mulher e o homossexual são considerados no sistema castrista seres inferiores (ARENAS, 1995, p. 185) – torna-se um tanto generalizante, e provavelmente marcada pela necessidade de o intelectual somar outras lutas às suas. Pela dificuldade e impossibilidade de narrar os acontecimentos do real traumático, os testemunhos de Arenas como *superstes*<sup>14</sup> recorrem a uma equivalência entre a situação das mulheres e dos homossexuais em Cuba. Mais do que essa correspondência, o que se pode verificar é que enquanto a experiência feminina na Revolução é marcada pelas arbitrariedades advindas de um distanciamento entre as proposições governamentais a respeito da importância da mulher e a permanência do preconceito nas práticas cotidianas, para os homossexuais não houve a intenção de quebra de paradigma. Enquanto as mulheres foram assimiladas pela revolução como indispensáveis, os homossexuais são vistos como a herança de um passado vergonhoso a ser esquecido.

Se, por um lado, parece ser questionável a afirmação de que as mulheres foram consideradas inferiores pela ideologia revolucionária, é incontestável que elas tenham sido atingidas pelas tradições depreciativas do machismo no que diz respeito ao feminino. As punições verificadas como o afastamento das mulheres de seus serviços por ter relações sexuais com mais de um homem e a ausência desse parâmetro monogâmico para aqueles do sexo masculino reafirmam uma sociedade alicerçada em preconceitos de gênero. Novamente, nota-se que Cuba no período da Revolução não estava desassociada do contexto ocidental, uma vez que ainda nos dias de hoje nos vários países do

---

<sup>14</sup> Diferente de “testis”, que assiste ao fato como um terceiro (visual) e que transita com facilidade entre o tempo da cena histórica e o tempo em que se escreve a história, o “*superstes*” mantém-se no fato como sobrevivente (auricular) e se caracteriza pela impossibilidade de narrar o evento traumático. Ver mais em: SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 5.

Ocidente, a mulher é muito mais julgada socialmente por suas relações sexuais que o homem. O estigma do feminino como fraco e inferior ainda hoje representa um desafio social que exclui e marginaliza as mulheres e os homossexuais.

Constata-se que, por meio dessas alianças matrimoniais, as mulheres buscavam enfrentar um machismo estrutural arraigado à sociedade por uma tradição discriminatória com relação ao feminino. Em contrapartida, os homossexuais desafiavam o agravamento dessa tradição discriminatória, evidenciado por uma visível perseguição política. Dito de outro modo, as hostilidades do machismo inclinaram-se, naquela configuração, de forma mais direta àqueles que carregavam os estigmas relacionados ao feminino do que às mulheres de fato.

Essa determinação deve, no entanto, ser complexificada ao considerar a situação das mulheres homossexuais no contexto da Revolução Cubana. Há relatos de que, além de serem excluídas da FMC, também eram vigiadas e denunciadas a essa organização. Muitas utilizavam maquiagem para serem percebidas como mais femininas e saíam com homens de modo a evitar serem vistas com outras mulheres. De acordo com testemunhos veiculados na edição número cinco da Revista Mariel “[...] para las lesbianas casi no hay posibilidades de llevar una vida marginal, en una subcultura, como hacen los hombres homosexuales, que se encuentran en parques y em urinarios” (MARIEL, 1984, p. 13). Sofriam, por conseguinte, uma dupla discriminação: por ser mulher e por ser homossexual.

Além das alianças matrimoniais, Arenas evidencia que no final da década de 1960 os intelectuais organizavam encontros culturais em casas abandonadas e parques onde liam os textos de grandes escritores: “Líamos em voz alta para a satisfação de todos. Minha geração lia os poemas de Jorge Luiz Borges, proibidos pelo regime de Fidel Castro, e recitávamos de cor os poemas de Octavio Paz” (ARENAS, 1995, p. 118), inclusive as poesias homossexuais. Além disso, escreviam textos e poesias contra o regime: “Isto nos mantinha a salvo da loucura e não nos deixava cair na esterilidade que já acometera outros escritores cubanos” (ARENAS, 1995, p. 174). Arenas expõe:

Naquela época, em 1969, eu sofria uma perseguição constante por parte do Estado, e temia sempre pelos escritos que eu produzia incessantemente. Pus todos os textos originais – poemas e novelas que ainda não haviam sido mandados para o exterior – num saco de cimento vazio e visitava todos os meus amigos a fim de achar alguém que os escondesse sem levantar suspeitas da polícia. Não era fácil encontrar quem aceitasse essa tarefa; de fato a pessoa corria o risco, se fosse encontrada com meus manuscritos, de passar anos em cana (ARENAS, 1995, p. 145).

Nota-se que, mesmo sob a possibilidade de serem presos ou acusados de diversionismo, continuavam suas ações literárias como forma de fazer frente às repressões culturais que sofriam. O direcionamento da arte por meio de parâmetros do realismo socialista provocou um cerceamento da liberdade de expressão e uma restrição da criação artística e intelectual em Cuba (MISKULIN, 2013, p. 142). Em decorrência dessas atribuições, diversos intelectuais e homossexuais foram perseguidos por terem suas obras condenadas como imorais, libertinas ou como penetrações culturais imperialistas. Em atitude de embate a essas medidas implementadas, homossexuais e intelectuais insistiram em suas práticas e criações e tentaram salvar suas produções, escondendo os manuscritos ou publicando no exterior.

Em 1971, a partir do Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura, ocorre o agravamento deste cerceamento às atividades culturais. A arte e a literatura não revolucionárias passam a sofrer ataques ainda maiores em Cuba e àqueles que são seus produtores tornam-se alvos eminentes. Na seção “A atividade cultural” veiculada nas resoluções do congresso, encontra-se:

O desenvolvimento das atividades artísticas e literárias de nosso país deve basear-se na consolidação e incentivo ao movimento de aficionados, tendo como critério o amplo desenvolvimento cultural das massas e a negação das tendências de elite. O socialismo cria as condições objetivas e subjetivas para a autêntica liberdade de criação. Por isso, são condenáveis e inadmissíveis as tendências que, baseadas num critério de libertinagem, buscam mascarar o veneno contrarrevolucionário de obras que conspiram contra a ideologia revolucionária (CUBA, 1980, p. 32-33).

Ao apresentarem a ameaça de agressão militar imperialista – presente durante o processo revolucionário – e a necessidade de continuarem livres das amarras do poder estadunidense, delibera-se ainda:

A arte é uma arma da revolução, um produto da decisão de luta do nosso povo, um instrumento contra a infiltração do inimigo. [...] Nossa arte e nossa literatura serão importantes meios para a formação da juventude e da moral revolucionária, que exclui o egoísmo e outras deformações típicas da cultura burguesa. (CUBA, 1980, p. 36-37).

Observa-se que apesar de estabelecerem a liberdade de criação, contraditoriamente, o socialismo é utilizado como fator condicionante. A arte atribuída como arma revolucionária implica também na negação das demais obras que não se direcionam à estética da Revolução. Origina-se a partir de então o período que ficou conhecido como Quinquênio Gris, e que corresponde na

autobiografia de Arenas ao período em que mais perseguição ele sofreu. Surgem, por efeito deste momento, novas formas de repressão e novas estratégias dos dissidentes.

Em 1973, Arenas foi acusado de cometer um delito homossexual, o que levou à sua prisão e à abertura de um processo. Solto, sob fiança, relata que contratou um advogado para cuidar de seu caso. Em pouco tempo o delito do qual havia sido acusado havia se transformado em um crime de atividade contrarrevolucionária. Com provas de que Arenas tinha publicado fora do país sem licença da UNEAC e com descrições dos conteúdos de seus textos com teor crítico à Revolução, a situação do escritor passou de um escândalo público para um caso de propaganda contra o regime. Arenas é preso novamente, foge, e com a ajuda de amigos vive foragido por três meses no parque Lenin em Havana, onde finalmente é pego e levado para a prisão de Castillo del Morro.

A partir de sua experiência na prisão, entre 1974 e 1976, o escritor evidencia que quando os homossexuais eram condenados ocupavam as piores celas, geralmente subterrâneas e que eram inundadas quando a maré subia. Não havia sequer banheiro para usarem, eram sempre os últimos a comer e apanhavam cruelmente por qualquer motivo. No entanto, nota-se que ainda nesses espaços conseguiam manter o humor e criavam maneiras para performar a feminilidade: “Com os próprios lençóis faziam saias; pediam graxa de sapato a seus familiares e com isso se maquiavam, fazendo sombras nos olhos. Usavam até a própria cal das paredes para se pintar” (ARENAS, 1995, p. 213). Quando saiam para tomar sol – o que era permitido uma vez por mês ou de forma quinzenal – os homossexuais “se embelezavam para a ocasião: usavam perucas feitas de corda [...] e saltos altos feitos de pedaços de madeira” (ARENAS, 1995, p. 214). Nota-se assim como esses indivíduos que foram reprimidos e explorados, se impõem aos processos históricos na experimentação e exposição de suas multiplicidades (SCOTT, 1998, p. 297).

Arenas relata, ainda, que, durante o tempo em que esteve preso, foi retirado diversas vezes da prisão de El Morro e levado para Villa Marista, onde ocorriam sessões de interrogatório. Nessas sessões, questionavam como o intelectual conseguia enviar seus manuscritos e comunicados para fora de Cuba e quais os nomes daqueles que o haviam ajudado.<sup>15</sup> Quando não cediam as informações

---

<sup>15</sup> O intelectual cita em sua autobiografia que foram publicadas notícias a respeito de seu desaparecimento no jornal francês *Le Figaro*. Ver em: ARENAS, 1995, p. 230.



exigidas, Arenas e outros presos políticos, eram enviados para suas celas, onde havia um tubo utilizado como forma de coagi-los e torturá-los:

Era um cano através do qual injetavam vapor nas celas dos presos, a qual, completamente trancada, se transformava em uma verdadeira sauna. [...] Vez por outra entrava um médico para verificar a pressão e a frequência cardíaca. Dizia então “Podem continuar mais um pouco”. O vapor recomeçava, tornava-se mais forte, e quando o preso já estava a ponto de infartar, tiravam-no da cela e o levavam para mais um interrogatório (ARENAS, 1995, p. 235).

Após meses nesse ambiente repressivo o intelectual assina uma confissão em que falava sobre sua condição de homossexualidade, renegando-a; e no fato de ter se transformado em um contrarrevolucionário:

Falava [...] de minhas fraquezas ideológicas e de meus livros malditos, que eu nunca voltaria a escrever; na verdade, renegava toda a minha vida, salvando apenas a possibilidade futura de pegar o trem da Revolução e trabalhar para ela dia e noite. [...] Enquanto eu redigia a confissão tinham insistido para que eu declarasse ter corrompido dois menores, [...] prometia também, corrigir-me sexualmente. [...] Na confissão, porém, não citei o nome de ninguém que pudesse ser prejudicado em Cuba, nem dos meus amigos no exterior. [...] Escrevi os nomes de todos os agentes da Segurança do Estado que me tinham delatado, nomes esses que eu lera na lista que o advogado me mostrara (ARENAS, 1995, p. 236-244).

Apesar de os testemunhos de Arenas exporem que sua prisão ocorreu principalmente devido a seus escritos dissidentes publicados clandestinamente dentro e fora da ilha, entende-se que seu encarceramento também não foi desvinculado de sua condição de homossexual, uma vez que seus embates com a polícia cubana ficaram frequentes após sua primeira detenção, na qual foi acusado de “homossexualismo” e que esta denúncia, inclusive, foi o que conduziu o seu julgamento. Dessa forma, Arenas expõe uma realidade árdua em que os homossexuais muitas vezes eram processados pela própria sexualidade e que quando estavam empenhados em trabalhos intelectuais deslegitimadores do processo revolucionário cubano eram ainda mais perseguidos.

Observa-se, por meio destes relatos, que foram diversas as formas de resistência, não só da intelectualidade, mas também dos homossexuais, que – entre tertúlias literárias, alianças matrimoniais, desenvolvimento de poesias com conteúdo homossexual, publicações clandestinas de obras de caráter

opositor à Revolução, a insistência em performar a feminilidade e a negação da delação – estabeleceram embate com a Revolução.<sup>16</sup>

### **Entre *maricones* e *bugarrones*: a hierarquização da repressão e a manutenção de um modelo tradicional de relações de gênero**

Além de possibilitar a elucidação das formas de resistência dos homossexuais, os testemunhos de Arenas estabelecem uma classificação dos sujeitos desse grupo. Evidenciando que os mais afeminados sofriam as maiores repressões, mas que dentre estes alguns gozavam do direito de ser homossexual publicamente, o escritor revela uma grande complexidade no que diz respeito à concepção do que é ser homossexual em Cuba. Diferencia assim quatro tipos de homossexuais, os quais denomina: bicha de coleira, bicha comum, bicha enrustida e bicha régia.

De acordo com Arenas, a bicha de coleira era o tipo de homossexual que geralmente sofria denúncias por sua extravagância, chegando a ser preso várias vezes por escândalo público em saunas e praias. Através de uma linguagem metafórica expõe que “o sistema fazia com que ele usasse [...] uma coleira que estava permanentemente em seu pescoço; a polícia o prendia com uma espécie de gancho e ele era levado assim para os campos de trabalho forçado” (ARENAS, 1995, p. 107). Nesse sentido, evidencia que as bichas de coleira pagavam um preço alto por sua sexualidade. Caracterizando seu amigo intelectual, Virgílio Piñera, como um desses homossexuais, revela que, após ele ter sido liberto da prisão – onde foi preso não só por seus escritos anticomunistas, mas também devido à sua sexualidade –, passou a ser olhado sempre com suspeição e sofreu constantes censuras e perseguições.<sup>17</sup> A bicha comum, por sua vez, consistia no homossexual que “tinha seus compromissos, ia a cinemateca, escrevia de vez em quando um poema, jamais corria grandes riscos” (ARENAS, 1995, p. 107). Segundo Arenas, estes não sofriam grandes perseguições. A bicha enrustida, era o homossexual que passava intencionalmente para a sociedade a imagem de heterossexualidade. O intelectual afirma que muitos desses sujeitos eram casados com mulheres e apesar de terem relações sexuais com outros homens, condenavam a homossexualidade. Por fim, aponta que havia também a bicha régia, que por dispor de

---

<sup>16</sup> A respeito das formas de resistência dos homossexuais na Revolução Cubana, ver mais em: FREITAS, 2020, p. 32-40.

<sup>17</sup> Virgílio Piñera foi encarcerado no presídio de El Príncipe no dia 2 de outubro de 1961. Havia sido acusado de crimes políticos e morais e foi solto graças à intervenção de intelectuais como Carlos Franqui e Edith García Bucacha. No dia anterior, 1º de outubro de 1961, foi montada uma operação pela polícia em Havana para prender prostitutas e possíveis homossexuais: la noche de las tres P (prostitutas, pederastas e proxenetas). Ver mais em: DRUMMOND, 2018, p. 76.

vínculos diretos com as autoridades revolucionárias, ou por ser recrutada pela segurança do Estado, gozava do privilégio de ser homossexual publicamente (ARENAS, 1995, p. 108).

É claro que essas delimitações nas quais Arenas encaixa os homossexuais são limitantes, tendo em vista a impossibilidade dos representantes desse grupo se adequarem a essas categorias restritivas. Essas definições construídas por ele não tem a intenção de propor uma classificação rigorosa ou científica, mas sim de expressar a sua visão a respeito de como esses indivíduos se colocavam no período revolucionário. No entanto, os testemunhos do escritor são valiosos ao apresentar uma hierarquização da perseguição. Evidenciando que as repressões se davam de maneira mais intensa àqueles que abdicavam do padrão de masculinidade viril, Arenas oferece indícios de que a opressão – inclusive os encarceramentos em prisões e centros de trabalhos forçados – foram direcionados, sobretudo, àqueles homossexuais que feriam mais diretamente um padrão normativo social. Ao exporem insistentemente as suas práticas, já declaradas pelos revolucionários como vícios da antiga Cuba capitalista, esses indivíduos evidenciariam as impotências da Revolução.

Esses homossexuais apresentados por Arenas assumiam na relação sexual uma posição de passividade e viviam na sociedade cubana sob o estigma de “maricones”. Além destes, os depoimentos de Arenas apresentam sujeitos que desempenhavam o papel de ativo na relação sexual e se autodenominavam “bugarrones”. Segundo o intelectual, muitas vezes, os “bugarrones” falavam abertamente que possuíam relações sexuais com outros homens e não eram vistos como homossexuais, não sofrendo, portanto, repressão. O próprio Arenas conseguiu o direito de deixar Cuba apenas após a afirmação de que era passivo, sendo inclusive obrigado a caminhar sobre uma linha, sob olhares de psicólogas, que avaliaram o seu modo de andar (ARENAS, 1995, p. 310).<sup>18</sup> A observação de episódios como esse levaram Arenas e outros cubanos a declararem que “Los cubanos heterosexuales creen que la homosexualidad está limitada al homosexual visible” (MARIEL, 1984, p. 13) e que a sociedade cubana rejeitava apenas os “maricones”. No entanto, em seus próprios testemunhos essa determinação

---

<sup>18</sup> Esse relato se refere ao momento em que diversos indivíduos considerados inimigos internos do governo, passaram a receber licença para sair de Cuba. A saída, até então inviabilizada, é concedida sob a justificativa de que estavam libertando a Revolução daqueles que eram responsáveis por seu atraso. Muitos homossexuais deixaram a ilha nesse momento. Estigmatizados de vermes, delinquentes, afeminados, antissociais pela imprensa de Cuba, os marielitos – como passaram a ser chamados depois –, foram considerados a escória da Ilha. Ver mais em: MARQUES, 2009, p. 170.

pode ser complexificada, nos ajudando a entender além de uma hierarquização da perseguição ao homossexual, as construções sociais a respeito da homossexualidade.

Em um episódio o intelectual revela que após ter relações sexuais com um oficial, o agente apresenta um bloco de notas do Departamento da Ordem Pública e anuncia a sua prisão por homossexualidade. Quando Arenas é levado à delegacia expõe aos outros oficiais que havia se relacionado sexualmente com o seu acusador, que, por sua vez, acreditava não ter cometido qualquer delito por ser ativo. Perplexos diante da confissão, repreendem o acusador, afirmando que “era uma vergonha um policial fazer tais coisas; porque um homossexual, pensando bem, tem suas fraquezas, mas para ele, que era macho de verdade, o fato de se meter com um veado era realmente imperdoável (ARENAS, 1995, p. 127).

Ao romperem os limites da heterossexualidade estável e oposicional – que estabelece a prática do sexo entre homem e mulher –, tanto o oficial quanto Arenas apresentam espectros de incoerência com a normalidade de gênero instituída.<sup>19</sup> Essa incoerência é rechaçada socialmente e pode ser observada pela possibilidade de Arenas ser preso e pela desaprovação do ato do oficial por seus colegas de trabalho. Desse modo, verifica-se a discriminação direcionada tanto a “maricones” quanto a “bugarrones”.

No entanto, a performance no sexo parece ter sido utilizada como fator de desempate para definir quem mais havia abdicado de sua masculinidade. O fato de Arenas ter desempenhado o papel de passivo foi interpretado como uma proximidade ao “papel da mulher” levando-o a ser representado como o “veado”. Por desempenhar o papel de ativo o oficial foi representado como “macho de verdade” e seu ato foi visto como desvio. Desse modo, deixam de ser julgados quanto à sexualidade e passam a ser submetidos a critérios de diferenciação de gênero que estabelecem, para além do sexo entre indivíduos oposicionais – homem e mulher –, uma performance oposicional – entre o masculino e o feminino –. Aquele que tem as práticas consideradas mais viris deixa, nesse momento, de sofrer preconceito e é “reciclado” à normalidade instituída, enquanto aquele que tem as práticas reforçadas como femininas, continua sendo discriminado. É possível notar a partir disso uma ideia de

---

<sup>19</sup> De acordo com Judith Butler “[...] espectros de descontinuidade e incoerência [...] são constantemente proibidos pelas leis que buscam estabelecer linhas [...] de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente construído e a ‘expressão’ de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual”. Ver mais em: BUTLER, 2003, p. 38-39.

homossexualidade pensada a partir da própria heterossexualidade institucional<sup>20</sup> e cunhada dentro de uma noção binária limitante.

Em uma entrevista concedida por um cubano homossexual residente em Miami, veiculada na Revista Mariel, repara-se ainda uma lamúria de os homossexuais sentirem-se coagidos a interpretar papéis contrários, de forma a desempenhar – consciente ou inconscientemente – um dever social de manutenção da tradição:

No se puede ser sencillamente homosexual; no basta; muchísimos latinos están metidos en el role playing, en la cosa de imitar los papeles tradicionales del hombre y la mujer latinos heterosexuales. Uno tiene que ser o muy afeminado o muy macho. No se puede ser natural, no se puede ser simplemente gente. En la comunidad cubana, latina, casi todo el mundo, heterosexual u homosexual, obedece a esos modelos de comportamiento, a esas normas que se supone que tenemos. [...] una de las cosas que más confundió y molestó a mi madre, cuando conoció a mi amigo Glenn, fue el que él luciese masculino, y yo también (MARIEL, 1984, p. 15).

De acordo com o testemunho, parece ser incompreensível que um homem com hábitos, costumes e práticas consideradas sobretudo femininas se relacionasse com outro homem com as mesmas características, ou que um homem viril se relacionasse com outro homem que detivesse a mesma especificidade. Os relatos evidenciam que quando a sociedade se depara com a quebra de normalidade dos padrões de gênero – expressa acima pela relação entre indivíduos não opacionais –, a dicotomia masculino/feminino é evocada como forma de reestabelecimento da normalidade. Tenta-se impor a noção de que “el hombre homosexual activo es todavía macho. Al contrario, el hombre pasivo toma el papel femenino tradicional, y pierde su masculinidad” (MARIEL, 1984, p. 13). Dessa forma há uma cobrança social para que os homossexuais se encaixem no padrão dicotômico. No entanto, essa noção, que se manifesta nos diversos testemunhos como uma mutilação das experiências reais dos homossexuais e que é resultante da tentativa de reestruturação de uma heterossexualidade institucional – já rompida, inicialmente, pela própria relação homossexual –, parece configurar-se em um verdadeiro leito de Procusto.

---

<sup>20</sup> De acordo com Judith Butler “A heterossexualidade institucional exige e produz a univocidade de cada um dos termos marcados pelo gênero que constituem o limite das possibilidades de gênero no interior do sistema binário oposicional. Essa concepção do gênero não só pressupõe uma relação causal entre sexo, gênero e desejo, mas sugere igualmente que o desejo reflete ou exprime o gênero, e que o gênero reflete ou exprime o desejo”. Ver mais em: BUTLER, 2003, p. 45.

Até mesmo em declarações de Arenas é possível identificar esse reflexo de uma tradição intolerante a tudo que foge do padrão masculino e feminino. O intelectual evidencia:

[...] percebi que as relações sexuais podem ser enfadonhas e pouco satisfatórias. Existe uma espécie de categoria ou divisão no mundo homossexual; a bicha-louca junta-se com outra e cada uma faz de tudo. [...]. Como pode haver prazer dessa maneira? Se o que se procura é justamente o contrário! A beleza das relações daquela época estava no fato de encontrarmos nossos opostos; [...]. Agora não é assim, ou é difícil que seja assim; tudo foi regularizado de tal forma que se criaram grupos e sociedades onde é muito complicado para um homossexual encontrar outro homem, isto é, o verdadeiro objeto do seu desejo (ARENAS, 1995, p. 137).

Percebe-se no trecho acima que o vocábulo “bicha-louca” não é utilizado de modo a deslegitimar as práticas homossexuais. Nesse relato, o termo tem sobretudo, efeito de oposição à representação do masculino viril, identificada pela expressão “homem de verdade”. Desse modo, o “bicha-louca” pode ser entendido como referência aos trejeitos sensíveis, a dissimulação, desequilíbrio e passividade: características relacionadas aos estereótipos do feminino. O que chama a atenção, no entanto, não é a apresentação desta distinção, mas a fato de Arenas parecer não entender que uma relação homossexual possa ocorrer de forma satisfatória entre dois indivíduos cujas práticas se consideram femininas. Há, nesse sentido, uma resistência em aceitar as múltiplas formas de “existir” e de “ser” dos homossexuais dentro do discurso do próprio Arenas, o que descortina a presença do preconceito não só entre os revolucionários – como fazem acreditar os seus testemunhos –, mas também entre os dissidentes. É importante que se evidencie, porém, que esses preconceitos verificados não se restringem aos revolucionários, aos dissidentes ou a Arenas, eles se estendem à América Latina e, certamente, a todo o mundo ocidental.<sup>21</sup>

Diante desses relatos, verifica-se uma violência aos homossexuais que os afeta, sobretudo, por negarem uma normalidade de gênero instituída, seja por suas práticas remeterem a relação sexual entre indivíduos não oposicionais, seja pela visível subversão do padrão dicotômico que estabelece uma coerência do homem como viril e da mulher como feminino. Percebe-se também que a violência se estende do homossexual (indivíduo) à relação homoafetiva. Quando há vínculo entre dois homossexuais cujas práticas considera-se masculinas é apontada a ausência do feminino e tenta-se

---

<sup>21</sup> De acordo com Rodrigues, a “conotação identitária [do homossexual], sobretudo de identidade desqualificada, é algo contingencial e histórico”. Segundo ela, “ao longo da maior parte do século XX, o que foi originariamente proposto como mecanismo supressor da perseguição criminal [a homossexuais] vem a se consolidar como fundamento da estigmatização, legitimando as ações de ‘tratamento’ e ‘cura’ desses indivíduos”. Ver mais em: RODRIGUES, 2012, p. 381.

atribuir a um dos indivíduos os estereótipos direcionados à mulher. Quando a relação apresenta homossexuais cujas práticas são consideradas femininas é apontada a ausência do masculino e uma determinada ilegitimidade do desejo. Tal exigência ocorre por haver “uma oposição binária fixa que afirma de maneira categórica e inequívoca o significado do homem e da mulher, do masculino e do feminino” (SCOTT, 1995, p. 86) de forma a impor uma rigidez nas práticas desses indivíduos, fazendo com que o homem seja levado, cotidianamente, a atestar sua virilidade enquanto a mulher prova sua sensibilidade. Forja-se assim a necessidade de uma relação oposta e complementar entre o que se considera forte e fraco, brutal e doce, tornando-os interdependentes. Todavia, essa interdependência é ilusória. O que se observa, não só no contexto revolucionário, é uma gama complexa entre as relações, que não se definem por uma oposição dos sexos ou por um antagonismo dos gêneros, mas por uma multiplicidade de ser que ultrapassa as barreiras do binarismo. Por representarem, na Revolução, uma insubordinação a esse – cômodo – modelo binário adotado, os homossexuais causaram desconforto, foram perseguidos e mortos. Mas, ao escancararem a amálgama do masculino e do feminino e suportarem as consequências dessa transgressão, reivindicaram àquilo que foi posto como o princípio original dos revolucionários: a justiça a todos os povos de Cuba.<sup>22</sup>

### **Considerações finais**

Neste artigo buscou-se analisar a política de repressão aos homossexuais na Revolução Cubana, nas décadas de 1960 e 1970, a partir dos testemunhos do intelectual Reinaldo Arenas. Por meio dos relatos por ele produzidos, discutiu-se as formas de perseguição empreendidas pelo Estado após o triunfo revolucionário, as relações desta perseguição com a ideologia do homem novo, as formas de resistência da homossexualidade e as especificidades que envolviam uma certa hierarquização da perseguição.

A partir dos testemunhos de Arenas foi possível observar que, quando aliada à tradição de intolerância, a ideologia do homem novo passou a ser utilizada como justificativa e meio para a perseguição aos homossexuais, intensificando-a. O trabalho – elemento básico na formação do revolucionário ideal – foi empregado de modo a conferir aos sujeitos que se enquadravam em um padrão heteronormativo um caráter formativo, enquanto os homossexuais foram obrigados a trabalhar em campos agrícolas como forma de punição e reeducação do comportamento sexual. Já a delimitação

---

<sup>22</sup> A respeito da hierarquização da perseguição aos homossexuais, ver mais em: FREITAS, 2020, p.40-46.

moral – também essencial na construção de um homem novo –, excluiu significativamente aqueles que foram associados, equivocadamente, a uma tradição capitalista. Por terem suas representações e práticas sexuais consideradas próximas ao feminino, passaram a ser vistos no modelo patriarcal sob o estigma da fraqueza e da covardia. Foram tratados como traidores indignos da Revolução. Assim, os homossexuais sofreram profundas perseguições e depurações das escolas, das universidades, dos cargos públicos e educacionais. Chamados de aberrações, corruptores da juventude revolucionária, depravados reincidentes, antissociais incorrigíveis, tiveram sua condição considerada como uma patologia e foram perseguidos, agredidos, presos e mortos. A negação de suas identidades e práticas foi, surpreendentemente, afirmada em um regime que propunha a libertação, a igualdade e a justiça a todos os povos cubanos, demonstrando assim a abrangência e a gravidade dessa tradição discriminatória difusa em todo o mundo ocidental.

Verifica-se que os homossexuais foram enérgicos na rejeição dessas imposições, agindo de modo a deslegitimar as formas de preconceito que lhes eram direcionadas e a resistir às medidas repressivas. É possível notar nos testemunhos de Arenas que os representantes desse grupo recorreram a alianças matrimoniais com pessoas do sexo oposto para usufruir de direitos que só eram cedidos a casais heterossexuais; desenvolveram poesias e obras com conteúdo homossexual e, quando não conseguiram publicá-las dentro da ilha, as veicularam clandestinamente; insistiram na performatividade do feminino mesmo em situações de extrema repressão; e negaram a delação de outros homossexuais.

Constata-se ainda a existência de uma hierarquização da perseguição daqueles que não agiam em conformidade com o modelo de gênero dicotômico, amplamente difundido no mundo ocidental e adotado pelos revolucionários. Observou-se que houve perseguições direcionadas aos próprios homens heterossexuais quando suas práticas e representações eram lidas socialmente como femininas e que os homossexuais sofreram repressões tanto por terem práticas lidas como femininas quanto pelo fato de sua sexualidade ter despertado no imaginário dos sujeitos de uma sociedade machista uma potencial passividade. Nesse sentido, a relação afetiva entre dois homens – ou duas mulheres – foi rechaçada, independentemente do papel sexual – ativo ou passivo – desses sujeitos. No entanto aqueles homossexuais que eram mais desviantes das normas instituídas sofreram de forma mais acentuada os preconceitos e punições na Revolução. Logo, identifica-se que o modelo patriarcal, machista e inflexivelmente dicotômico foi mantido pelos revolucionários e culminaram em repressões a todos os



civis, homossexuais ou não, e que aqueles que insistiram em performar a feminilidade foram ainda mais atacados.

### Referências bibliográficas:

ARENAS, Reinaldo, (1943- 1990). **Antes que anoiteça**/ Reinaldo Arenas. \_2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

ARENAS, Reinaldo, (1943- 1990). **Cartas a Margarita y Jorge Camacho** (1967- 1990). Sevilla: Point de lunettes, 2010.

BUTLER, Judith. Identidade, sexo e metafísica da substância. In: **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 37-48.

CUBA. Primeiro Ministro (1959-1976: Fidel Castro). **Discurso pronunciado para comemorar o VI aniversário do assalto ao palácio presidencial**. Universidade de Havana, 13 mar. 1963. Disponível em: < <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f130363e.html> >. Acesso em: 05 dez. 2019.

CUBA. **Resoluções do I Congresso Nacional de Educação e Cultura**. São Paulo: ed. Livramento, 1980.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf> >. Acesso em: 26 jan. 2020.

CUBA. **Asamblea Nacional del Poder Popular de Cuba**, Ley No. 21 - Código Penal. No.3 (1-3-79). Disponível em: < <http://www.parlamentocubano.gob.cu/index.php/documento/codigo-penal/>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

FREITAS, Ualisson Pereira. **A traição do sexo: testemunhos da perseguição aos homossexuais em Cuba** na obra de Reinaldo Arenas (1959-1990). 2020. 100 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2020.

MADERO, Abel Sierra. Academias para producir machos en Cuba. **Letras libres**, 21 jan. 2016. Disponível em: <<https://www.letraslibres.com/espana-mexico/politica/academias-producir-machos-en-cuba>>. Acesso em: 17 mai. 2021.

MARCO, Valeria de. A literatura de testemunho e a violência de Estado. **Lua Nova**, São Paulo, n. 62, p. 45-68, 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ln/n62/a04n62.pdf> >. Acesso em: 26 jan. 2020.

MARIEL. **Revista de literatura y arte**. Nova York, NY. v. 1, n. 5. Primavera 1984. Disponível em: < <http://americalee.cedinci.org/portfolio-items/mariel/> >. Acesso em: 19 mar. 2020.

MESA, Sergio Chaple. A literatura cubana na época da Revolução. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 25, n. 72, p. 131-144, 2011. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0103-40142011000200012> >. Acesso em: 22 jul. 2020.

MISKULIN, Silvia Cezar. O ministro Che Guevara e a gestão econômica e empresarial em Cuba. **Novos Rumos**, São Paulo, n. 45, p. 45-48, 2006. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/novosrumos/article/view/2126>>. Acesso em: 28 abril 2020.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. Homofilia e homossexualidades: recepções culturais e permanências. **História**, Franca, v. 31, n. 1, p. 365-391, 2012. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-90742012000100018](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742012000100018)>. Acesso em: 21 out. 2020.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva** / Beatriz Sarlo; tradução Rosa Freire d'Aguiar. – São Paulo: Companhia das Letras, Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCOTT, Joan Wallach. A invisibilidade da experiência. **Projeto História**, São Paulo, (16), p. 297-325, 1998. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11183/8194> >. Acesso em: 26 jan. 2020.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: < <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/71721/40667>>. Acesso em: 26 jan. 2020.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. O local do testemunho. **Tempo e argumento**. Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 3-20, 2010. Disponível em: < <http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/1894/1532> >. Acesso em: 26 jan. 2020.

SERRANO LORENZO, Yanesy de la Caridad. La Federación de Mujeres Cubanas y su labor con las familias. **Trab. soc.**, Bogotá, v. 20, n. 2, p. 55-75, 2018. Disponível em: < <https://doi.org/10.15446/ts.v20n2.74414> >. Acesso em: 23 mar. 2020.

TAHBAZ, Joseph. Demystifying las UMAP: the politics of sugar, gender, and religion in 1960s Cuba. **Delaware Review of Latin American Studies**. v. 14, n. 2, 2013. Disponível em: < <https://udspace.udel.edu/handle/19716/19725> >. Acesso em: 15 mai. 2021.

MISKULIN, Sílvia Cezar. História, literatura e homossexualidade em Cuba: o caso de Virgílio Piñera. In: COSTA, Adriane Vidal e BARBO, Daniel (Orgs.) **História, literatura e homossexualidade**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013, p. 129-153.

DRUMMOND, Caroline Maria Ferreira. **Exílio, literatura, intelectuais e política em "Mariel - Revista de Literatura y Arte"** (1983-1985). 2018. 203 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/BUOS-B9BHNZ>>. Acesso em: 1 ago. 2020.

MARQUES, Rickley Leandro. **A condição Mariel: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990)**. 2009. 276 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: < <https://repositorio.unb.br/handle/10482/4253> >. Acesso em: 17 mai. 2020.